Preço 1$00 — Quinta-feira, 11 de Outubro de 1956 — Ano II - N.º 83

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

A burocracia é a origem de muitos emperros

Por
JOÃO FERNANDO

Não dizemos por espírito de maledicência, nem por motivos reservados.

Dizêmo-lo porque é a expressão do que sentimos, porque é a verdade que anda nos lábios de toda a gente.

A complicada máquina burocrática só serve para provocar arrelias, protelar a solução de assuntos inadiáveis, para dificultar e prejudicar a vida do cidadão.

As formalidades a cumprir, as exigências já incompatíveis com a hora dinâmica que vivemos e que, na maioria das vezes, não passam de impertinências de *lana caprina*, os *guichets* inúmeros, as tais «vias competentes» que são intermináveis, as mil e uma caminhadas e diligências que são precisas para se conseguir a obtenção de qualquer documento ou de qualquer resolução de assuntos ou casos, a quantidade excessiva de papelada, a abundância de determinações, o inflexível prazo, o percurso de repartições e departamentos, a obrigatoriedade de selos, carimbos, chancelas, duplicados e até triplicados, — tudo isto, e o mais que falta enumerar, apenas serve para emperrar a máquina orgânica.

Ainda não há muito tempo, presenciámos que, por causa duma estampilha fiscal de dez centavos que caíra dum recibo, se fizeram quatro ofícios e se obrigou o autor do recibo a uma despesa enorme de deslocações à capital, quando tudo se resolvia com uma simples carta solicitando nova estampilha, sua inutilização e devolução a quem de direito.

Por estas e por outras nos admiramos das demoras com o andamento e solução de certos melhoramentos em causa, quando devíamos saber qual o travão e a origem e não nos admirarmos.

E como este sistema já vem de longa data, passou a fazer parte do nosso temperamento e parece até que os portugueses gostam de subir muitas escadas, andar de porta em porta em busca dum deferimento necessário, pedir, suplicar, insistir vezes sem conta, lamuriar defronte dos funcionários, correr de postigo em postigo, de balcão em balcão atrás duma resolução que lhes pertence.

E quando, enfim, alcançam o que pretendem, — tal como quando obtêm lugar no eléctrico ou na camioneta, julgam-se o povo mais feliz do mundo!

Chegamos a pensar que, se tudo resolvesse depressa e sem peias, eram capazes de não gostar, por ser simples e rápido, — tal como não gostam e duvidam quando o médico não receita ou receita um cozimento de ervas campestres.

O que eles querem, aquilo de que mais gostam, é a especialidade enfeitada, em caixas luxuosas, que nada faz e custa os olhos da cara...

A burocracia será, portanto, um mal necessário?

Cremos, pelo menos, que, nesta maneira funcional que a caracteriza, precisava de ser remodelada, reduzida,

(Continua na página 4)

PORTUGAL PITORESCO

ESTREMOZ - A Sintra do Alentejo

Uma das mais originais vistas de Estremoz e das menos conhecidas.

Por terras Galegas

A todos os meus companheiros de viagem

Crónicas e Reportagens de
ÁLVARO VALENTE

III

Antes de prosseguir na descrição de Vigo e do mais que se passou nesta viagem, julgo bem cabidas algumas considerações acerca do país que visitei.

A Galiza bem o merece.

E além de tudo, é natural que um viajante *à la minute*, como eu, diga alguma coisa na generalidade a propósito do que viu e observou.

Na rápida passagem do autocarro, nas pequenas paragens aqui e ali, não é possível a observação profunda e completa que seria para desejar. Tenho que limitar, portanto, essas considerações a uma observação de conjunto, dentro do restrito âmbito em que ocorreu a viagem, ùnicamente confiado na minha retentiva.

A Galiza, com suas quatro províncias: Corunha, Lugo, Orense e Pontevedra, é, na verdade, uma região de sonho e de maravilhas.

As paisagens deslumbram.

A vegetação surpreende.

Está assente há muito que ela é como que uma continuação do nosso Minho, embora divirja em muitos pormenores e aspectos. Quem vai de Portugal, em plena estação de Agosto, com os olhos cheios de bucólicos panoramas minhotos, recebe essa impressão; mas depois de penetrar mais a fundo em terras galegas, nota que existem certas diferenças essenciais que lhe dão características próprias, inconfundíveis e assaz distintas.

A região é toda recortada por muitos e variados rios e seus afluentes; é extremamente montanhosa, com seus

(Continua na página 4)

ESTREMOZ

Linda cidade alentejana, situada numa eminência em terras férteis e saudáveis.

Fica a 30 quil. a N. E. de Évora, 20 a O. de Elvas, e a 120 de Lisboa.

Cidade cheia de paisagens encantadoras, muito sàdia, aprazível, e abundante em excelentes águas.

São tais as suas belezas naturais, que lembram um cantão do nosso Minho!

Notáveis: as suas pedreiras de mármore, e a sua esplêndida olaria, — bem conhecida de portugueses e de espanhóis.

Crónicas Irrequietas - 33

MORREU A RAQUEL!

Por
ÁLVARO VALENTE

Aqui há dias, quando eu seguia a caminho da obrigação, reparei que toda a minha rua estava envolta em mistério fúnebre.

Havia lágrimas nos lares e nas luras; soluçava-se pelos portais; e nos ares pairava uma tal compunção que me senti à beira de câmara ardente sem a ver!

— Que teria acontecido?

— Que se passara, de funesto, na minha rua?

Rapazes gritavam escandalosamente; raparigas tartareavam, muito comovidas; dumas janelas comunicavam para as outras a infausta nova, com sinalefas espectaculares; e eu, efectivamente alérgico (como se diz agora a propósito de qualquer coisa) no meio da sarrafusca, seguia perplexo e sem perceber o caso e a gravidade.

Passei a outra rua e a outra e a outra, e o aspecto era o mesmo!

Então, disse para comigo:

(Continua na página 4)

Exmo. Sr. Manuel Giraldes da Silva RIO PRIO

Associação da Imprensa Regional e Técnica

(Em Organização)

Comunicado N.º 1

Ao constituir-se, a Comissão que se propõe organizar a «ASSOCIAÇÃO DA IMPRENSA REGIONAL E TÉCNICA» saúda toda a Imprensa portuguesa e confessa-se muito grata pelo apoio moral que dispensou ao iniciador desta campanha, o confrade A. Vieira Neves, no período preliminar.

Verificando-se os bons resultados obtidos com os trabalhos praparatórios desta Associação, foram constituídas as seguintes comissões:

Comissão organizadora:

Dr. Víctor Santos, director do «Boletim da Casa do Alentejo», Lisboa; Dr. Alberto Xavier, director de «O Cronista», Lisboa; Dr. João Vicente de Oliveira Charrua, director do «Ribamar», Algés; Cónego Dr. José Filipe Mendeiros, director de «A Defesa», Évora; Visconde do Porto da Cruz, director da «Revista Portuguesa», Funchal; A. Garibaldi, director do «Jornal de Felgueiras»; Adelino Vieira Neves, redactor de «Linhas de Elvas», «Jornal de Moura» e director do «Alentejo Histórico, Artístico e Monumental»; Adolfo Freitas, redactor de «O Despertar», Coimbra; Alberto Serra, redactor de «Ecos de Belém», Lisboa; Alfredo Cândido, delegado do «Cardeal Saraiva», Ponte de Lima; Álvaro Valente, director de «A Província», Montijo; António Medina Junior, director do «Jornal de Sintra»; Benjamim da Costa Dias, director de «Defesa de Espinho»; Custódio Baptista Vieira, director de «Ecos de Belém», Lisboa; Ernesto de Castro, redactor de «Democracia do Sul», no Porto; Eurico Gama, director do «Jornal de Elvas»; Fausto Gonçalves, redactor do «Bol. Casa do Alentejo» e director do «Almanaque Alentejano»; Fernando Almiro Nogueira Vale, redactor de «Os Transportes», Lisboa; Fernando Duarte, director do «Jornal de Rio Maior»; Henrique Fiuza, secretário da Redacção de «Os Transportes», Lisboa; Joaquim Dias Pereira, redactor de «O Castanheirense», Castanheira de Pera; Joaquim Rosendo, director de «Os Transportes» e delegado de «A Torre», Moncorvo; José Baptista da Silva, director da «Região de Leiria»; José Godinho Cunha, director do «Jornal de Moura»; José Henriques Mota, director do «Jornal da Beira», Viseu; Padre Lino de Sousa, admin. e editor do «Jornal da Beira, Viseu; Luís Sebastião Peres, redactor de «A Voz de Loulé», «O Povo Algarvio» e «Comércio de Portimão»; Nuno Rossini Tristão Rosado, redactor-principal do «Notícias do Cartaxo»; Virgílio Afonso, editor do «Correio da Beira», Guarda.

Comissão elaboradora dos estatutos:

Dr. Víctor Santos, Dr. João Vicente de Oliveira Charrua e Fausto Gonçalves.

Comissão executiva:

Presidente, Alfredo Cândido; 1.º Secret.º, A. Vieira Neves; 2.º Secret.º, Alberto Serra; Tesoureiro, Joaquim Rosendo; Arquiv. Luís Sebastião Peres.

Estuda-se a possibilidade de constituir a Associação nos moldes cooperativistas de forma a englobar todos os periódicos e a satisfazer as aspirações gerais.

Por obsequiosa cedência do director de «Os Transportes», foram instalados provisòriamente na sua Redacção—RUA JOSÉ ESTÊVÃO, 61, em Lisboa, os serviços de secretaria da Associação da Imprensa Regional e Técnica, para onde se pede o envio de toda a correspondência e um exemplar de todas as publicações.

No próximo Comunicado completar-se-á a constituição da Comissão Organizadora, da qual farão parte todos os colegas que se dignaram dar a sua adesão até 10 de Outubro próximo.

MONTIJO

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa
Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026245—MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias, excepto ás sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026256 — MONTIJO

Dr J. Sousa Correia
CLÍNICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires
Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º-Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina
Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Telefone 026 576
Para boas Fotografias
Foto Montijense

Comissão Pró-Casa da Criança

Um caso de consciência e de humanidade

Recebemos a seguinte carta:

Sr. Director do Jornal «A Província».

Pelo número do p. p. dia 4 do v/ semanário «A Província», tivemos conhecimento da local «UM CASO DE CONSCIÊNCIA E DE HUMANIDADE» que nos mereceu a melhor das atenções, demais com o alvitre dado a esta Comissão, o que antecipadamente muito agradecemos.

Sobre a mesma notícia publicada, levamos ao conhecimento de V. que imediatamente esta Comissão tratou de agir o mais urgente possível, de modo a socorrer, dentro das suas possibilidades, aqueles quatro inocentes infelizes, e assim, dirigindo-se ao Centro de Assistência Social expôs o caso tal qual a notícia, e ali, Ex.ma Auxiliar Social, Sr.ª D. Maria da Conceição Constantino, que muito amàvelmente nos recebeu, esclareceu que as crianças já estavam a ser devidamente socorridas, pelo que, no Orfanato Dr. César Ventura se encontrava internado o rapaz, e as meninas entregues aos cuidados de uma tia, que para o efeito estava a ser subsidiada por aquele Centro de Assistência até que fosse resolvido o seu internamento.

Lamentamos, mais do que ninguém, de que a nossa CASA DA CRIANÇA não esteja já pronta a receber crianças infelizes como aquelas; mas a culpa não é nossa, ainda que se reconheça que ninguém nos culpa por essa falta. Mais não poderíamos fazer em benefício daqueles órfãos, que para a nossa razão de existir, merecem amparo por qualquer forma ou meio, e satisfeitos estamos em colaborar com o apelo de «A Província». Gratos também ficámos para com o Centro da Assistência Social pela sua antecipada colaboração, e reconhecidos à sua dirigente neste concelho pela forma como nos recebeu e como agiu.

A Comissão da Casa da Criança está sempre pronta a socorrer seja quem for, pois todas as crianças pobres e infelizes, sejam elas ou não filhas de associados da União Mutualista N. S. da Conceição, terão os mesmos direitos de serem auuxiliadas; mas para isso, necessário se torna que a mesma Comissão tenha conhecimento de casos, como estes agora vindos a lume, para poder intervir, ainda que modestamente.

Por último, ao jornal «A Província» queremos sinceramente agradecer tudo o que tem publicado em prol da Comissão da Casa da Criança, e com os n/ respeitosos cumprimentos para V., e extensivos a todos que trabalham nesse semanário, somos

Atenciosamente
POR UM MONTIJO MELHOR
O Secretário-Geral da Comissão.
a) José Júlio V. Rodrigues

N. R. = Já antecipadamente nos tinha sido comunicado pelo sr. Francisco Pedro Farréu, digno Presidente daquele Orfanato, o internamento do rapaz e os socorros alimentares fornecidos às três meninas.

É já alguma coisa; porventura, haverá quem julgue bastante. Não o é, porém.

Falta o internamento das três meninas, e isto é que é o mais interessante, se não o principal.

De sorte que a situação é quase a mesma.

Registamos os esforços da Comissão Pró Casa da Criança, da digna Funcionária da Assistência, do digno Presidente do Orfanato; mas o que dissemos, continua oportuno.

A função local dum Semanário

I

Já por várias vezes temos tido a intenção de abordar este assunto, de tanta importância para a homogeneidade de esforços em prol de Montijo. O tempo, porém, — esse déspota que nos tortura e impede a realização oportuna de ingentes vontades —, não nos tem deixado, nem permitido abordá-lo.

Chegou agora o momento. São horas de alguma coisa ir dizendo nesse sentido, a bem da nossa divisa local: Por um Montijo melhor.

A função da Imprensa neste caso é para ponderar e meditar, principalmente no que diz respeito ao semanário montijense «A Província».

Cabem aqui ligeiras considerações gerais acerca dessa função, antes de entrarmos precisamente no assunto:

— A função da Imprensa deve restringir-se a coordenar as forças, a conjugá-las para uma vida mais próspera e menos contingente, a estabelecer a harmonia, a limar as arestas, a não ferir susceptibilidades, a evitar atritos, a tratar dos acontecimentos de interesse geral e a pôr de parte os de interesse particular, a aplaudir e a coadjuvar todas as iniciativas daquele interesse primário, a desfazer cizânias sempre prejudiciais, a nunca provocar conflitos irritantes, a respeitar as autoridades constituídas sem subserviências que deprimem, a não se imiscuir em casos que não visem o bem da comunidade, a condenar os abusos e a verberar tudo quanto possa lesar ou embaraçar a marcha progressiva dum povo.

Como se vê desta rápida explanação, a função é em extremo delicada, plena de dificuldades e de escolhos, de cuidados e de perigos. No entanto,

(Continua na página 3)

Sociedade Electrificadora Tejo, Lda.

Rua Almirante Cândido dos Reis, 18 -- Telefone 026084 -- MONTIJO

Não compre sem consultar os seus preços:

Grande variedade de:
LUSTRES — CANDIEIROS
FOGÕES ELÉCTRICOS desde Esc. 95$00
Ferros - Torradeiras - Ventoinhas - Termo-acumuladores - Aquecedores Eléctricos - Aspiradores - Enceradoras e Descansos automáticos.

OSRAM a melhor LAMPADA

TODO MATERIAL ELÉCTRICO
De fios a cabo armado
MOTORES ELÉCTRICOS
Grupos Moto-Bombas e Automáticos
BATERIAS E PILHAS TUDOR
Representantes de Rádio e Televisão
MARELLI -- AGA -- GELOSO

Representantes exclusivos da melhor panela de pressão: PRESTIGE

Encarrega-se de trabalhos de montagens de instalações eléctricas, água e gás

Grandes facilidades de pagamento

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 5, o sr. Leonel de Almeida, nosso prezado assinante em Boleita, Venezuela, e natural de Montijo.

— Dia 7, a sr.ª D. Maria Cristina Pinto Rasteiro Tomé, esposa do nosso prezado assinante, sr. António Manuel Relógio Tomé.

— Dia 9, a menina Bela Maria da Silva Cova, filha do nosso estimado assinante, sr. Joaquim de Sousa Cova.

— Dia 13, o sr. José António de Sousa, nosso prezado assinante.

— Dia 13, a sr.ª D. Líbia Cardeira Relógio, nossa estimada assinante.

— Dia 14, o menino António João Pereira Pialgata, filho do nosso prezado assinante, João Cassús Pialgata.

— Dia 15, a sr.ª D. Silvina Augusta da Silva, mãe do nosso dedicado assinante, Fernando Augusto da Silva Vale.

— Dia 28, o menino Joaquim Manuel de Oliveira Lucas; completa 9 anos e é neto da sr.ª D. Laura Taruca, presidente do Sindicato das Operárias de chacinaria de Montijo.

— Dia 28, a menina Maria Júlia Canelas Pereira, irmã do nosso prezado assinante, sr. Germano Canelas Pereira da Silva.

De regresso

— De volta da F. N. A. T., já se encontra em Montijo o nosso prezado assinante sr. José Ribeiro Vintèm, com sua Família.

Cumprimentamos afectuosamente.

Dr.ª Natália de Oliveira Marques

— De regresso de sua digressão pela França, Bélgica, e Espanha, já chegou esta distinta médica, pelo que retomou a sua clínica.

«A Província» saúda a sua prezada assinante no regresso dessa digressão e expressa-lhe votos das maiores felicidades.

Nascimento

No dia 29 de Setembro passado teve a sua feliz *délivrance* a sr.ª D. Laurinda Nunes Rocha, esposa do sr. Augusto Gonçalves Rocha, residentes no Estoril, com o nascimento dum menino.

Cumprimentamos e felicitamos o casal nosso amigo, desejando ao recém nascido todas as venturas.

Doente

Vem passado bastante mal o nosso prezado assinante sr. Engenheiro Agrónomo José Lúpi, de Rio Frio, que foi operado há poucos dias. Felizmente, o seu estado melhorou muito, encontrando-se a caminho da convalescença.

Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

Doença Súbita

Na segunda-feira, dia 8 do corrente, pelas 16 horas, quando se encontrava no seu Posto, o Bombeiro Voluntário António João Valadeiro, casado, descarregador, natural de Estremoz e residente em Montijo, foi acometido duma forte dor no coração.

Socorrido e transportado ao hospital subregional da nossa terra, regressou dali em estado satisfatório.

Ensino Primário

— PROFESSORA diplomada aceita alunos. Nesta redacção se diz.

Praça de Toiros de Montijo

Promovido pela Comissão da Praça de Toiros, realiza-se no dia 21 do corrente, na Praça de Toiros da Moita do Ribatejo, mais um festival taurino cujo produto se destina à construção da Praça.

O cartel está em organização; mas já se conhecem os nomes dalguns artistas e dalguns *ganaderos* que fornecem os toiros, — o bastante para assegurar um novo êxito.

Fala-se também na possibilidade de, no mesmo dia, se fazer o lançamento da primeira pedra do edifício, o que, na verdade, seria uma esplêndida oportunidade.

As nossas Bandas, — a S. F. 1.º de Dezembro e a Banda D. 2 de Janeiro — abrilhantam aquele festival, e tudo se conjuga, portanto, para que os resultados sejam magníficos e animem a Comissão a prosseguir nos seus intentos.

Fala-se igualmente noutro festival em Vila Franca, mas ainda não está nada assente a tal respeito.

Como se vê, o assunto não está descurado, e a construção da Praça de Toiros de Montijo será uma realidade, porque assim o quer a Comissão e todo o povo da nossa terra.

Concurso Hora Feliz

O Relógio parou nas:

5 Horas e 11 minutos.

— Qual relógio?

O relógio do Concurso da Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, Praça 1.º de Maio — Montijo.

Todas as 5.as feiras, ao meio dia, o relógio é aberto na nossa redacção; e assim, no passado dia 4, foi aberto e indicava aquela hora.

E a premiada foi a sr.ª D. Maria de Lurdes Mendonça Oliveira, moradora na rua Rodrigues Pimentel — 11 — em Montijo.

O prémio é de 250 escudos, em compras naquele estabelecimento.

Eis o que lhe pode sair, desde que concorra, no

CONCURSO HORA FELIZ!

A função local dum Semanário

I

((*Continuação da página 2*)

é também dignificante, altiva, majestosa até, impõe-se pela magnificência dos intentos e pela pureza do significado. Por seu intermédio, se conseguem as grandes conquistas e se alcançam as mais proveitosas concepções. Com oito paginas de prosa e verso, orientadas para os horizontes de proveito geral, transforma-se toda a existência duma localidade, desfaz-se o marasmo e a rotina, encaminham-se os passos titubiantes para as realidades que elevam.

É, pois, uma força de considerar. Sem ela, cuidamos que se não resolvem os grandes problemas, nem se atingem os benefícios a que aspiram as massas laboriosas dessa localidade. O mesmo é dizer que se não pode dispensar a sua actuação, a sua intensa intervenção no conseguimento das aspirações legítimas.

Isto, no que se refere à generalidade das terras, ao bem completo duma nação, aos destinos intrínsecos da grei. Continuaremos noutro artigo o desenvolvimento do acerto.

5 de Outubro

Comemorando a data gloriosa, efectuaram-se em muitas terras do País, várias cerimónias e significativas manifestações de fé e de regozijo.

Em Montijo também essa data foi condignamente comemorada. Estralejaram os foguetes e morteiros durante o dia; pela tarde, a Banda Democrática 2 de Janeiro deu um concerto público no coreto municipal da Praça da República; à noite, a mesma Banda saiu em cumprimento às autoridades, executando o Hino Nacional.

A nossa Câmara iluminou a sua fachada, o mesmo fazendo algumas colectividades e edifícios públicos.

DESASTRE DE VIAÇÃO

Na passada 4.ª feira, 3 do corrente, deu-se um desastre de camioneta próximo da Escola de Tiro, pelas 11 horas, na qual o ajudante de camioneta António Curado Frasco, de 33 anos, sofreu fractura do crâneo. A vítima é casada e natural de Nisa, e seguia na camioneta do seu patrão, sr. Manuel Joaquim Constantino, de Montijo. O desastre deu-se no cruzamento de duas camionetas e no embate a vítima foi cuspida.

Momentos depois, foi socorrido por outra camioneta que na ocasião passava. A P. V. T. de Samora Correia tomou conta da ocorrência.

LUTUOSA

Faleceu no dia 6 do corrente a sr.ª D. Maria Emília Bárbara Tavares, viúva, natural de Montijo, de 50 anos de idade, doméstica, filha de João Bárbara e de Gertrudes Rita Belo.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local.

«A Província» apresenta condolências à família enlutada.

Sociedade Columbófila de Montijo

Eleição de novos corpos gerentes

Assembleia Geral

Presidente, Francisco José Viegas e Castro; *vice-presidente*, António Barreto; *1.º secretário*, Aldemiro Eduardo Borges; *2.º Secretário*, Alfredo Marques Soeiro.

Direcção

Presidente, António Joaquim Lucas Catita; *Secretário Geral*, António Carlos Ferreira Cabreiro; *Tesoureiro*, António da Fonseca Nunes; *1.º vogal*, Raúl Lopes Martins; *2.º vogal*, Amândio José Carapinha.

Conselho Técnico

Presidente, Cristiano José Moreira Resina; *Secretário*, Reinaldo Martins Bernardo; *Vogal*, Benjamim Neves Silva.

Conselho Fiscal

Presidente, Raúl do Garmo Gonçalves: *Secretário*, António Luís Alves; *Relator*, Américo Mendes.

Espectáculo em Palmela

No próximo sábado, 13 do corrente, um grupo de amadores montijenses desloca-se à vila de Palmela, onde vai realizar um espectáculo de variedades na Sociedade Humanitária daquela vila.

O espectáculo de Variedades é original dos montijenses amigos José Joaquim Caria e Humberto de Sousa, e nele tomam parte os seguintes elementos: Maria Virgínia, Maria Tereza, Maria Aurélia, António Carlos, António Tavares, Francisco Cacheirinha, Arlindo Silva, Moisés Soares, Alfredo Ferreira e António Bento.

Serão locutores: Luís Onofre, Nuno de Menezes e Maria Helena Sampaio.

O espectáculo será abrilhantado pela excelente orquestra montijense «Eldorado».

Como era de esperar, em Palmela vai o maior entusiasmo por esta embaixada àquela risonha e pitoresca vila, tudo fazendo prever mais um assinalado êxito para os nossos conterrâneos.

Culto especiais de Evangelização

A Igreja Evangélica, assembleia de Deus Pentecostal, sita na R. Alexandre Herculano, n.º 5, realiza uma série de cultos de Evangelização, de 14 a 19 do corrente, onde prègarão o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo vários oradores da Assembleia de Deus, de Lisboa. Os cultos para os quais todos são convidados, terão lugar às 20,30 horas. Entrada Grátis.

Agradecimento

Venho por este meio agradecer a comparência rápida do sr. Doutor Fausto Eugénio Lopes da Neiva e da enfermeira e parteira, D. Maria Luísa, no dia 28 de Setembro, às 8,10 h. da manhã, a fim de intervirem no parto de minha mulher, o qual decorreu com a maior felicidade com o nascimento dum bébé. Agradeço, pois, todos os carinhos e cuidados dispensados à parturiente.

(a) — *José Maria Lourenço*

Rua da Bela Vista, 101

Montijo

Aluga-se

— CASA com 9 divisões, 1.º andar, renda 500$00. Informa-se neste Jornal.

— ESTABELECIMENTO para qualquer ramo na rua Serpa Pinto (Rolo). Trata Domingos Mendes.

Perdeu-se

— No dia 6 para 7 uma roda de Camioneta Dorguevarde, n.º 600-16, no trajecto da Cova da Piedade para Montijo. Gratifica-se quem a entregar na Rua D. Augusto Pereira Coutinho, 14-16 ou avisar pelo telef. 026382 - o Sr. Diogo da Cruz Ventura.

Guarda-livros

— Aceita escritas e trabalhos dactilográficos. Nesta redacção se informa.

Vendem-se

— MOTO, impecável, por 17.000$$00. Entrada, 5.000$00 e o restante a 300$00 mensais; ou troca-se por automóvel pequeno. Nesta redacção se informa.

— 2 balanças centesimais, em ferro, de força 500 e 300 kg. Na Construtora de Balanças Montijense - Estrada Nacional, 51.

— MORADIA no Corte do Falcão. Quatro divisões, quintal e poço. Informa-se nesta Redacção.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 11 — *Giraldes*
6.ª-feira, 12 — *Montepio*
Sábado, 13 — *Moderna*
Domingo, 14 — *Diogo*
2.ª-feira, 15 — *Giraldes*
3.ª-feira, 16 — *Montepio*
4.ª-feira, 17 — *Moderna*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 8,30 e 9 horas.
6.ª-feira — às 9 e 9,30 horas.
Sábado — às 8,30 e 9 horas.
Domingo — às 8, e 9, no Afonsoeiro, 10 e 11,30; Atalaia 11,30 e 18 h..

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4, Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino às 11 e às 21,30 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos, às 21,30 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração, às 21,30 horas.

No segundo Domingo de cada mês celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucaristia ou Sagrada Comunhão.

Igreja Pentecostal, Rua Alexandre Herculano, 5-A, Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 11,30 horas. Pregação do Evangelho, às 21 horas.

Quintas Feiras — Prègação do Evangelho, às 21 horas.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 11: Um programa Argentino com Libertad Lamarque, «Mulher X», com «Uma noite no Rio» e Revista Paramount.

6.ª feira, 12; Um tema diferente do usual «Angelito Negro», com «Noivo Insuportável».

Sábado, 13; «Os Aristocratas», com «O Bandido da Cova do Lobo», excepcional interpretação de Amedeo Nazzari.

Domingo, 14; Joel Mc Crea num grande espectáculo de violência, em Cinemascópio «Wichita»; no programa interessantes curtos e 1 desenho de Walt Disney.

2.ª feira, 15; Um programa Paramount «Sangue do Sul», com «A Grande Paixão».

3.ª feira, 16; Um *filme* de acção e violência «A Ferro e Fogo», com «O Aventureiro Romântico».

4.ª feira, 17; Outro programa Paramount «O Alaska», com «Os Estoira Vergas».

5.ª feira, 18; Um dos recentes e mais discutidos *filmes* «Entre Mulheres», com «O Capataz sou Eu» e Revista Paramount.

CINEMA 1.º DEZEMBRO

6.ª feira, 12; (Para 13 anos) «O Vale da Esperança» colorido, com Orson Welles e o *filme* policial com Georg Raftt «Paguei os meus Pecados».

Sábado, 13; (para crianças e adultos) O maravilhoso *filme* em Tecnicolor e de grande metragem (12 partes) «O Sexto Continente».

Domingo, 14 e 2.ª feira; O mais moderno *filme* português, com António Silva, «O Noivo das Caldas», estreada simultâneamente em 8 cinemas.

3.ª feira, 16; (Para 18 anos) Uma epopeia, um colossal programa duplo, «Sob o Signo do Mal» em Tecnicolor e o grande drama «A Condenada».

4.ª feira, 17; (Para 13 anos) O *filme* mais gigantesco do grande actor Burt Lancaster «O Último Apache», recentemente estreado no Monumental.

MORREU A RAQUEL!

(*Continuação da primeira página*)

— Nada. O caso é sério. O quer que é, afecta toda a população.

Tenho que saber de que se trata...

E ao ver um sujeito todo de preto vestido, suspiroso, de lenço orlado a preto e a servir de «enxuga», não me contive:

— O' senhor! O que foi que aconteceu?

Ele olhou-me admirado, boquiaberto, e a seguir disparou-me:

— Então, o senhor não sabe? Não conhece a fatalidade?

— Não, homem, não sei. É claro que, se soubesse, não lho perguntava.

— Morreu a Raquel! — e lá se foi, num choro convulsivo que era de comover os mármores e os granitos!

Fiquei espècado à esquina, como quem está na aldeia e não vê as casas.

— A Raquel... Mas qual Raquel? Quem seria esta Raquel que punha em alvoroço e de luto uma população inteira? Jogador de futebol não era, certamente, pois não me consta que já haja em Portugal qualquer grupo feminino desse super maravilhoso desporto... Quem seria, então?

E como passasse junto a mim um par de *madonas* em choraminga, não me contive outra vez;

— Minhas senhoras! Queiram dizer-me, por favor, quem é essa Raquel que traz em sobressalto de agência funerária toda a gente desta terra?

E então uma delas, considerando-me de alto a baixo um pacóvio transviado, retorquiu-me:

— Ora esta! Não sabe quem é a Raquel! A Raquel, aquela mártir, aquela infeliz que tanto sofreu e que acabou por morrer há bocadinho mesmo...

— Desculpe, minha senhora, mas não a conhecia. E era de cá, era nossa conterrânea?

— Não, senhor. Era a Raquel, a Raquel do folhetim! E agora estamos para ver o que acontece à «coxinha»...

— À «coxinha»?

Continuei como parvo em pleno século XX, enquanto o par se afastava em comentários patuscos à minha sólida ignorância.

— A Raquel... a «coxinha»...

Mas por onde andava eu, por quais regiões siderais divagava que nem sabia destas catástrofes terrestres?

Sabia da questão do Canal, da Argélia, do islamismo e da Jordânia, da Nicarágua... agora da Raquel e da «coxinha» é que, com franqueza, estava mesmo em branco de todo! Que ignorantão! Que pascácio! Que imbeciloide!

Fui-me à vida e à obrigação. Todavia, cá para dentro, apenas cá para dentro, não fosse eu ser motivo de gracetas e troças da multidão ilustrada, ia congeminando:

— Que desgraçada mentalidade a da minha época! Que tristeza tudo isto faz! Então não anda esta gente toda preocupada, aflita, de lágrima no olho, porque num folhetim de folha de alface resolveram matar uma Raquel qualquer, de fama sentimental?! Que figura faço eu, no meio desta caterva de cacarecos?

Deu-me vontade de gritar a plenos pulmões, em plena praça pública: Oh gentes desnaturadas! Olhem a vossa vida, os vossos problemas, as vossas dificuldades! Olhem o vosso pão, a vossa saúde! Olhem o que vai pelo mundo, o que vai por esse planeta fora, o que vai...

Ao mesmo tempo, porém, reconheci que devia estar calado.

Ali mesmo à minha ilharga, enquanto a minha indignação subia de ponto, explodira uma formidável disputa:

— E a «coxinha» agora? O que vai passar-se? Casa? Não casa? Casará? Não casará?

Em boa verdade, tenho que me ocupar também desse problema.

É que, se a «coxinha» não *casa*, não sei como se há-de resolver aquele *caso* da Sociedade dos Utentes...

Álvaro Valente

Os «Ladrões» do Suinicultor

Pelo Prof. Fred Hale — Texas A. E. M. College (U. S. A.)

(*Continuação do número anterior*)

Segundo ladrão: *A ração deficiente.*

Ninguém pense que pode alimentar um porco convenientemente dando-lhe apenas milho (ou bolota no caso de Portugal). Quem quer bons porcos tem que dar-lhes boas rações. Pastagem, minerais, à falta da primeira vitaminas designadas para o fim em vista. Boa proteína em quantidade suficiente. Tudo isto é preciso além do milho ou de qualquer outro produto equivalente para se obterem lucros com a exploração de suínos.

Combatam este «ladrão» da má alimentação ou de contrário estão sujeitos a falhar. Não o deixem, sequer, aproximar-se da vossa porta.

A diferença que vai do lucro ao desastre financeiro pode ser representada por uma ração equilibrada.

Uma ração equilibrada é aquela que contém quantidades adequadas de proteína de boa qualidade (bagaços, de oleaginosas, farinhas de peixe, etc.) além dos grãos de cereais (milho, cevada) ou outros produtos (sorgo, boletas).

Os minerais e as vitaminas devem ser fornecidas pelos próprios alimentos ou adiccionados à ração.

Os antibióticos são a mais recente descoberta no campo da nutrição prática e um poderoso factor de equilíbrio das rações.

Há muitas fórmulas para as misturas. Eis aqui uma para animais de criação.

Milo (sorgo) ou milho moído = 24 kls.; Aveia moída = 7,5 kls.; Sêmea de trigo = 7,5 kls,; Farinha de luzerna = 5 kls.; Farinha de carne = 2,5 kls.; Bagaço de soja ou algodão = 2,5 kls.; Mistura mineral = 1 kl..

Total = 100 libras ou 50 quilos.

Uma boa pastagem fornece a maior parte das vitaminas e alguns dos minerais, bem como a proteína de qualidade inexistente nos grãos de cereais. Contudo, nem sempre é possível obtê-la. Vale, porém, a pena fazer todos os esforços para a conseguir para os animais de criação (varrascos e porcas) durante a maior parte do ano, e para os porcos de engorda pelo menos desde a nascença até aos 30 ou 40 quilos de peso.

A pastagem é mais necessária para os reprodutores do que para os animais em engorda.

Sempre que não seja possível dispor-se de pastagem, a ração deve conter 3 a 4 por cento de farinha de luzerna desidratada que, por sua vez, deverá conter 20 % de proteína.

As porcas parideiras e os varrascos podem comer 15% de feno de luzerna.

Uma boa pastagem economizará 30 a 40 por cento de suplemento proteico e 5 a 10 por cento de cereal.

Terceiro ladrão: *Parasitismo = Falta de higiene.*

Este «gatuno» rouba aos americanos uma boa maquia em cada ano que passa.

O porco que tem que gastar parte da sua energia a coçar-se pelas paredes e postes, não pode dar ao dono todo o lucro que este espera.

Da mesma forma se as lombrigas e outros vermes o não deixam aproveitar-se de todos os alimentos que ele ingere, se os micróbios causadores das enterites e diarreias o atormentam, se a falta de asseio e de conforto o impedem de repousar. O rendimento é fraco e de prejuizo certo.

Este «ladrão» é por si só capaz de arruinar um produtor. Pode deixá-lo vegetar um ou dois anos; mas cedo ou tarde acabará por obrigá-lo a mudar de ofício.

É um salteador que não olha a diferenças de raças ou de qualidades. Tanto ataca o porco bom como o refugo.

Há, pois, que persegui-lo e destruí-lo.

Por estas bandas sempre que queremos combater os vermes redondos (lombrigas) usamos o fluoreto de sódio ou outro qualquer medicamento que o médico-veterinário nos indique.

Os parasitas externos (sarna, piolhos) são aqui atacados com pulverisações de hexacloreto de benzeno, o lindane ou o clordane.

Quarto ladrão: A *Exploração Mal Orientada.*

Este «gatuno» dorme na cama com o suinicultor; segue-o para toda a parte; é o verdadeiro dono da exploração.

O bom criador emprega métodos racionais de alimentação, cria porcos de raça e tipo, vigia as condições higiénicas e sanitárias da sua exploração, regista convenientemente as operações de reprodução e os nascimentos, dispõe de instalações confortáveis para os seus animais, fornece-lhes água com abundância, está sempre presente no momento das posisões para prestar a assistência que venha a ser necessária, mantém-se bem informado através da leitura de jornais e revistas de agricultura e das publicações e informações das universidades e outros organismos, observa todos os pormenores e não vai passear, se não quando os seus porcos lho permitem.

Este «gatuno» é o companheiro inseparável do criador irresponsável, indiferente, mandrião e falho

(*Continua na página 7*)

POR TERRAS GALEGAS

(*Continuação da primeira página*)

picos alcandorados e rochas declivosas; em consequência, abundam os vales e com eles os planos arborizados, verdejantes, que deleitam a vista e nos dão a certeza duma fertilidade assombrosa.

Por outro lado, a costa, com seus rios, baías, istmos, ilhotas, cabos e anfractuosidades, dá-lhe a outra faceta da faina marítima, tanto ou mais esplendorosa, de aguarelas e quadros regionais.

Eis a pesca e a agricultura formando as duas fontes principais dessa Galiza que nos encanta e seduz!

Ao passar da fronteira e ao penetrar nas terras galegas, ladeiam-nos os campos de milho e de centeio; as latadas que à beira dos caminhos nos saúdam e nos dirijem sorrisos de boas vindas; as noras gementes evocando a denominação romana; os casebres rústicos da geografia humana: as torres vagabundas dos *pueblos* que nos espreitam à passagem; e de todo esse conjunto o ambiente peninsular dos campos e das gândaras.

Quando mais tarde nos aproximamos da zona costeira, sentimos a grandiosidade paisagística da orla em torcicolos, formando esculturas litorais que se fixam na retina e não mais esquecem.

A Galiza é para mim a parte espanhola de maiores esplendores, ainda que não seja a mais castiça. A Natureza desfez-se em galas e, para onde nos voltemos, aí encontraremos a Beleza rude sob a forma variada dos seus encantos: — as serras que se erguem altaneiras, graníticas, esfíngicas; os vales frescos que põem notas de graça e de rusticidade na paisagem; os rios, ribeiros e regatos molhando as terras e ofertando-lhes o brilho das águas e o *humus* fertilizante; as praias e circunvizinhanças que traçam marinhas que coruscam e enebriam!

A vegetação é riquíssima. Bosques de coníferas povoam as encostas; hortas amanhadas e enfeitadas pela mão do homem ressaltam das planuras; castanheiros, oliveiras, limoeiros, laranjeiras, formam manchas coloridas em longas planícies; tapetes de verdura matizam as ladeiras das serranias e estendem-se até os horizontes longínquos.

O clima temperado e as condições telúricas da região transformam-no num verdadeiro jardim, predominando sempre a policromia dos verdes em profusão geórgica.

Em Agosto, então, quando tudo resplandece em soberbas endeixas, a terra galega é um escrínio vivo de belezas naturais que nos faz ajoelhar em êxtase perante a majestade olímpica dos seus painéis! Prestada esta homenagem, sigamos agora.

(*Continua*)

A burocracia é a origem de muitos emperros

(*Continuação da 1.ª página*)

simplificada, mais fácil e menos confusa, mais dinâmica e menos dilatada, para que os emperros habituais não tivessem cabimento e desaparecessem da vida nacional.

Vejam que, para se tirar uma trivial licença, são precisos impressos, selos, três ou quatro *guichets*, dois ou três funcionários, duas ou três repartições, e quatro ou cinco horas perdidas... além dos escudos e centavos que se esportulam no final!

E tudo isto no século do radar, do foguetão, do avião de jacto, da telefonia e da televisão chegadinha de fresco!

João Fernando

Pequenas Biografias

Rafael -- o mágico pintor

III

Raffaello Santi nasceu a 28 de Março de 1483, em Itália, na cidade de Urbino. Seu pai, Giovanni Santi, era também pintor, ainda que medíocre, poeta e agricultor. Assim, o jovem Rafael encontrou logo na infância, e no próprio lar, o ambiente propício ao precoce desenvolvimento das estranhas e extraordinárias qualidades de artista que haviam de o tornar imortal.

Essa infância, porém, embora feliz, foi muito breve.

Aos nove anos de idade perdera sua mãe, Magia Ciarla, seu pai, um irmão e uma irmã, pelo que foi confiado aos cuidados de seu tio Bartolomeu.

Senhor duma pequena herança, que seu tio materno, Simone Ciarla, administrava como tutor do menor, podia, no entanto, dedicar-se aos seus sonhos de arte sem receio de dificuldades.

Foi seu primeiro mestre Timóteo Viti (ou della Vite), pintor de renome e talento, com o qual muito aprendeu e se ilustrou, e de quem herdou o estilo e muitas facetas da técnica, tais a forma larga das mãos e dos pés, o lânguido arredondado das cabeças. Esta influência é evidente em suas três obras: *A visão dum cavaleiro*, da Galeria Nacional, *São Miguel*, do Louvre, e *As três Graças*, de Chantilly, pintadas antes dos dezassete anos.

Nessa idade encontrava-se ele na Úmbria, cidade de Perúgia, para onde partira a fim de continuar com Perugino, pintor e professor famoso desses tempos, a sua aprendizagem. O valor do aluno, porém, era muito superior ao do mestre. Apenas ganhou em absorver desse mestre o «instinto do colorido e a visão da perspectiva», — duas maneiras especiais em que Perugino se notabilizou e se tornou supremo.

Aos vinte e um anos foi para Florença, — cidade artística por excelência da Itália. O ano de 1504 marca na vida de Rafael o início do período mais vivido, mais turbulento, mais dinâmico da sua arte majestosa. Era, então, «um opulento cidadão da Renascença, um amante da beleza pagã, tanto como da pureza cristã, um pintor de Madonas e de Vénus, de sátiros e de santos, de Apolo, — o Senhor do Riso e de Jesus, o príncipe da Tristeza.» Reinavam na arte florentina Miguel Angelo e Leonardo da Vinci. E perante as obras maravilhosas desses dois génios, o sonhador fascinado evolucionou ao contacto com a suprema arte. Embora por eles influenciado, principalmente por Leonardo, sentiu que outros destinos mais altos o impulsionavam e começou criando, por sua vez, outras maravilhas de pinturas que o deviam imortalizar.

Em 1506 abandonou Florença e voltou à sua cidade natal. Aí pintou grande parte das suas «madonas», — essas obras primas que tanto concorreram para sua glória e imortalidade: *A Virgem da Casa Tempi*, *A Virgem da Casa de Orléans*, *A Virgem do Prado*, *A Virgem do cordeiro*, *A Virgem do Grão Duque*.

São ainda do mesmo período *A Bela Jardineira*, o seu próprio retrato, e a sua primeira tentativa de pintura dramática: *A Descida ao Túmulo*.

Em Setembro de 1508, protegido por Bramante e por outros, é chamado a Roma pelo papa Júlio II. A primeira encomenda constava das quatro figuras da biblioteca: *A Teologia*, *A Filosofia*, *A Jurisprudência*, *e a Poesia*. O papa ficou tão satisfeito com a arte do jovem Rafael que logo lhe confiou a decoração de quatro compartimentos e decretou a destruição impiedosa de todas as pinturas de outros artistas anteriores!

Rafael, porém, tirou cópias desses quadros e deixou-os para a posteridade.

Consoante a nova ordem papal, executou os frescos célebres: *A Disputa*, *A Escola de Atenas*, *A Expulsão de Heliodoro*, e muitos outros. A pintura do retrato do próprio papa deu-lhe a consagração e a estima definitiva do retratado. Rafael entrava, assim, no período áureo da sua vida artística.

A amante Fornarina, — uma das belezas romanas de maior renome —, servia-lhe de modelo para a *Senhora Velada*, para a *Virgem Sixtina*, e para a *cabeça de Santa Cecília*; a sua nomeação para arquitecto chefe do Vaticano; as inúmeras encomendas que de todos os lados lhe chegavam; — tudo concorria para a celebridade que o rodeava.

Estava rico, comprava palácios e instalava *ateliers* luxuosos, por onde passavam os homens mais notáveis da época, que o procuravam para serem retratados pelo artista máximo.

E é nessa altura que pinta as obras mais importantes e mais populares: *A Senhora de Santo Sisto* e *A Transfiguração*, além do *retrato de Castiglione*, do *fresco de Galateia*, as *tapeçarias da Capela Sixtina*, e a *Madona do Pintassilgo*.

Aos trinta e um anos Rafael atingira o auge do seu poder. Na pintura, na arquitectura, na poesia, ele era o mais querido, o mais desejado, o mais incensado. Nada lhe faltava, — ambição, trabalho, riqueza, importância, talento.

A Morte, porém, tudo destruiu. Em 1 de Abril trabalhava ainda no seu quadro imortal, *A Transfiguração*, — o qual já não poude acabar, pois a 6 do mesmo mês estava morto.

Morreu numa sexta feira, como numa sexta feira tinha nascido!

E assim desapareceu da face da Terra um dos maiores génios da Arte, um dos maiores talentos de que a Humanidade se pode orgulhar!

O rival de Miguel Ângelo, o artista supremo da Renascença, acabara aos 31 anos num simples caixão como qualquer mortal, depois de triunfar em absoluto na sua Arte!

Publicações Recebidas

— **Plateia** — Revista Popular de Cinema — N.os 131, 132 e 133.

Director, Baptista Rosa — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Lisboa.

Os três números desta excelente e bem popular, revista confirmam o seu valor e o agradável interesse que sempre disperta.

Muito agradecemos a regularidade da oferta, e pedimos desculpa de só agora nos referirmos aos números recebidos, o que se explica pela constante falta de espaço.

— **Imprensa** — Publicação das Caldas da Rainha, uma vez por semana

Por L. Rosa Bruno.

Repositório de notícias, de reportagens, livros e assuntos da actualidade.

Uma simples folha volante que pode atingir proporções respeitáveis no nosso meio.

Desejos de muito progresso e agradecimentos pela referência ao nosso jornal.

— **Boletim Económico e Financeiro**, — do Banco Português do Atlântico.

Sede Social - Porto - Sede Central - Lisboa.

O presente N.º 8, do mês de Agosto passado, continua a directriz trazida desde o 1.º número, ou sejam os objectivos do Banco e do próprio Boletim.

Os assuntos bancários, de Finanças, das alfândegas, as informações económicas e internacionais tornam a publicação de grande utilidade no respectivo meio.

— Agradecemos a todos a remessa de exemplares dessas publicações.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Racismo

«Barreira de côr»

Por J. J. Caria

E' profundamente lamentável que sendo os americanos peritos em ultrapassar barreiras (claro que não me refiro a corridas de obstáculos!), não tenham conseguido ainda vencer essa barreira aparentemente fácil para a sua fogosidade de nação jovem e plena de força: — o Racismo, a «barreira da côr»!

Há cem anos que esse obstáculo tenaz e arreliador desafia o sentido prático e o bom senso da grande nação norte-americana, como um espinho dolorosamente cravado no corpo de um leão forte e majestoso.

E, no entanto, essa barreira parece-nos, observadores longinquos, infinitamente mais fácil de transpor que a decantada «barreira do som». Unicamente, esta foi apenas vencida pela técnica, e a outra terá que ser vencida pelo espirito!

Durante muitos anos, após a sangrenta guerra da Secessão, os responsáveis americanos não tiveram a nitida percepção de que algo de terrivel e duradouro se estava gerando no seio da sua sociedade, semelhante a um cancro social. Depois começaram a perceber, mas nao abriram os olhos. Finalmente abriram os olhos mas não perceberam...

Muito tempo havia passado e esse terrivel flagelo, que se chama discriminação racial, tinha já penetrado bem fundo as suas raizes na mentalidade do povo, através de muitas e muitas gerações. E os homens responsáveis, temerosos de enfrentar tão melindroso quão dificil problema, iam-no relegando ao esquecimento indefinidamente, talvez na falsa esperança de que ele se resolvesse por si próprio, espontâneamente. Mas não. O silêncio e a indiferença podem às vezes solucionar questiúnculas individuais, mas nunca ódios atávicos de multidões.

Nós, que tivemos a sorte de nascer num Pais onde outra cor de pele não é mais que uma diferença de pigmento, e onde esta diferença não altera o mais elementar dos direitos humanos, temos uma dificuldade quase instintiva de compreender o conflito suscitado pelo ódio rácico, o qual é profundamente antagónico aos nossos principios sociais.

Mas se nos debruçarmos atentamente sobre o periodo histórico que sucedeu à guerra civil, teremos que reconhecer com sinceridade que foi exactamente nesse periodo que se desenvolveu grande parte da virulência que viria a manter o ódio que ainda persiste.

Não obstante ter sido indubitàvelmente justa e humana a causa porque se batiam os homens do Norte — o abolicionismo — foram, porém, longe demais, não pela sua vontade firme de libertar os negros, mas pelo seu espirito de vingança para com os Sulistas, a quem pretendiam a todo o transe rebaixar, impondo como sempre a lei arbitrária e despótica dos vencedores. Todos os direitos civicos e politicos foram retirados aos vencidos, incluindo o de voto, pois que apenas uma escassa minoria de sulistas podia votar, passando esse direito a ser exercido por negros rudes e ignorantes, sem opinião própria, e a contento dos vencedores. Mais uma vez o exagero deturpava uma ideia nobre!

As prerrogativas e os direitos que os negros auferiram durante o chamado periodo da Reconstrução, foram um choque brusco para a sua mentalidade infantil e sub-desenvolvida, dando como resultado que uma horda negra, sequiosa de vingança e atrevida, vinda dos campos, invadisse as cidades do Sul, praticando impunemente toda a série de desacatos que as circunstâncias, muito favoráveis, permitiam, ou melhor, favoreciam, ante o olhar compassivo dos Nortistas.

Foi nessa época que, como fiel da balança, surgiu a tristemente famosa Klu-Klux-Klan, tão falada e deturpada em milhares de livros de aventuras e em quilómetros de fitas de cinema. Essa sociedade secreta, destinada a vingar as afrontas de negros e «yankees», e constituida pela «élite» sulista, não apareceu por acaso ou movida por intuitos criminosos. Ela surgiu por imposição das circunstâncias. Foi um mal necessário!

Nesse tempo, o Norte detestava os negros mas queria libertá-los, e o Sul que os compreendia, e de certo modo os amparava, tinha-os escravizado. Tal era o forte e dramático paradoxo que na altura dominava o problema. Depois, após as violências da Reconstrução, o negro havia conquistado mais um inimigo: o Sul.

Estou convencido de que sem a intervenção intempestiva da guerra civil, o problema seria resolvido, mais lentamente é certo, mas sem dúvida alguma com mais segurança e sentido humano.

A mudança foi demasiadamente rápida. A própria Natureza não tolera modificações bruscas, é sempre lenta, mas segura, nas suas evoluções.

E a prova de que a questão se mantém estacionária e que a chama do ódio rácico continua viva no espirito do povo americano, foram as graves consequências criadas pelo desagradável episódio de Alabama, agravado ainda pela atitude pusilânime do governador do Estado que não fez respeitar a Lei, recorrendo à força, e consentindo que fosse substituida uma sentença (justissima!) do Supremo Tribunal pelos impulsos condenáveis duma multidão enfurecida.

Isto foi apenas o principio. Depois... não vale a pena voltar a criticar tão desagradáveis incidentes. O que sucedeu, todos puderam ler nos jornais diários.

Torna-se necessário que o povo americano tome consciência do mal que cresce constantemente adentro das suas próprias fronteiras, e que poderá constituir um perigo mais grave que qualquer ameaça vinda do exterior.

Todo o mundo Livre tem o direito de apelar para o bom senso do povo americano, inculcando-lhe o dever de resolver conscienciosamente o seu grave problema, não só pelo que os Estados Unidos representam como nação livre e fértil de recursos vitais, como também pelo que representam como poderosa garantia e salvaguarda do Bloco Ocidental, no qual a velha Europa busca um pouco de segurança, num mundo impregnado de ideias bélicas e nacionalismos exagerados.

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Almada, 1 - Montijo, 1

Campo do Pragal — Almada.

Árbitro — Raúl Martins, de Lisboa.

Equipas:

D. Montijo: Redol; Anica e Cacheirinha; Neto, Barragon e Serralha; Fábregas, Veredas, Mora, José Paulo e Ernesto.

Almada: Rosa; Simões e Jaime; Bernando, Leal e Veloso: Martins, Almeida, Ribeiro, José Augusto e Valentim.

O encontro, embora em certas passagens duro e ardente, decorreu com certa correcção.

Diga-se já de entrada: O Desportivo de Montijo merecia a vitória, principalmente pela forma como actuou na 2.ª parte.

Só a falta de melhor remate à baliza e melhor acerto nas jogadas, explica o empate da realidadde.

A primeira parte passou-se com as forças adversárias em equilíbrio, num jogo movimentado e de muito agrado.

Ambas as turmas procuravam o domínio da partida, sucedendo-se os lances aparatosos e os desejos de aproveitar todas as oportunidades.

Por infeliz intervenção do guarda redes do Desportivo, a primeira parte terminou com 1-0 a favor dos almadenses.

A 2.ª parte foi ainda mais animada e movimentada.

Os Montijenses entraram com absoluta vontade de vencer, apresentando um jogo forte, enérgico, e rápido.

Destacaram-se os médios Neto e Serralha, que dominaram e forneceram à linha dianteira excelentes ocasiões de marcação.

O Extremo-direito marcou, finalmente, o golo do empate, mantendo-se este *score* até o resto do encontro, não obstante o belo jogo desenvolvido e os momentos de grande perigo para as redes do Almadense.

Deste distinguiu-se Martins, antigo Torreense, que teve boas desmarcações.

Do Desportivo, Ernesto e José Paulo estiveram grandes nas suas actuações.

A arbitragem regular, faltando-lhe a observação e respectiva punição de faltas que se deram.

Na classificação geral, o Desportivo de Montijo vai em 2.º lugar, com 7 pontos.

E avante!

João di cá

Explicações

Todas as Disciplinas do 1.º e 2.º ano do Curso Geral do Comércio

Dactilografia

Traduções e Retroversões:

Francês e Inglês, Técnico - Comerciais

R. Tenente Valadim, 14 - MONTIJO

Resultados do passado Domingo

Torneio Regional de Reservas

Montijo, 6 - Seixal, 2

No próximo domingo:

Vitória - Montijo

Campeonato Distrital de Juniores

Moitense, 0 - Montijo, 8

No próximo domingo:

Imparcial - Montijo

O F. C. do Porto

Não merecia perder

Comentários ao jogo do Estádio da Luz por João Calazans

Lá diz o nosso povo e tem razão: «Não há uma sem duas». Foi com esse conceito que se deslocaram ao Estádio da Luz no passado domingo numerosos adeptos do clube lisboeta, para presenciarem o grande desafio que se disputaria entre o «Glorioso» lisboeta e o F. C. do Porto. Lembrava-se que na época transacta o F. C. do Porto veio arrancar um excelente empate ao Estádio da Luz, e desta vez poderia haver uma repetição da façanha, e por essa razão não estávamos muito tranquilos quanto ao desfecho final do prélio. Os vencedores foram injustamente os visitados, devido a alguns erros de arbitragem que os favoreceram, prejudicando o clube azul do Norte, pois o resultado final, para expressar realmente a verdade, seria um empate, ou vitória do clube nortenho. O Benfica não produziu o jogo para o resultado que alcançou; todavia, há que notar no clube lisboeta a falta de dois jogadores, que têm certa influência no jogo da equipa, Fernando Caiado, e Alfredo. Isto, no entanto, não quer dizer que o Benfica conseguisse obter uma vitória pela presença destes dois simpáticos jogadores...

O clube lisboeta jogou apenas com garra nos primeiros minutos, depois de Izidro ter obtido o primeiro golo que pôs a sua equipa em vencedora. Depois dum golo injustamente invalidado, e obtido pelo mesmo jogador, o Benfica descaiu e então acentuou-se a melhor preparação física dos jogadores do norte, que dominaram durante bastante tempo e obtiveram aos vinte cinco minutos o empate por intermédio de Hernani. E foi com as duas equipas empatadas a uma bola que chegou o intervalo. Logo aos primeiros minutos da segunda parte o Benfica desempatou num *penalty* esforçado, que fez abrandar a pressão que o clube nortenho vinha a exercer sobre a equipa benfiquista. A equipa do norte faltou-lhe sorte, pois teve ocasiões soberanas para obter uma vitória que merecia. O Benfica obteve o terceiro golo por intermédio de Palmeiro, e nos últimos minutos o Porto obteve o segundo golo por intermédio de Hernani. Na equipa lisboeta distinguiram-se Bastos, Artur, Pegado e Palmeiro. No F. C. do Porto distinguiram-se M. Arcanjo, Pedroto e Virgílio.

O Benfica teve sorte: por sua vez os azuis do norte não foram felizes na sua deslocação à capital.

Izidro e Arcanjo, no desafio do passado domingo, disputado na Luz, em duelo magnífico pela posse da bola.

Concurso de Prognósticos de Futebol

CUPÃO N.º 3

Ainda não foi desta, pois nenhum concorrente acertou em todos os resultados.

Prémio para o cupão n.º 5

Ao que acerte em todos os resultados

1.500$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

E agora todos ao Grande Concurso de Prognósticos

Regras

I — Os concorrentes deverão enviar pelo correio ou entregar pessoalmente na redacção deste jornal (Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18) o cupão inserto neste jornal.

II — Este cupão deverá ser preenchido com os prognósticos dos resultados dos desafios nele indicados e bem assim o nome e morada do concorrente, por forma legível, sem o que não serão considerados.

III — O referido cupão deverá ser entregue até às 12 horas do Domingo em que os jogos se realizem.

IV — No preenchimento dos cupões, não interessa expressar os resultados pelo número de golos marcados ou sofridos por cada clube, mas, unicamente, a aposição de uma das três letras (D. V. ou E.) à frente do nome dos clubes consoante se lhes atribua, respectivamente *Derrota*, *Vitória* ou *Empate*.

V — Semanalmente serão atribuídos dois prémios.

Um, ao concorrente que acerte em todos os resultados, e outro, àquele que acerte em maior número de jogos (exceptuando todos os resultados).

VI — Desde que dois ou mais concorrentes acertem no mesmo e maior número de resultados será o prémio dividido quanto possível em partes iguais.

VII — Todos os leitores do nosso jornal poderão concorrer.

VIII — Cada concorrente terá o direito de utilizar o número de cupões que quiser, desde que os cupões sejam devidamente preenchidos.

IX — Os prémios semanais serão atribuídos (entregues pessoalmente ou enviados) na semana seguinte ao número em que saírem publicados.

X — Quando um jogo ou mais ficarem adiados por qualquer motivo imprevisto, os cupões só serão considerados depois de conhecidos todos os resultados dos jogos indicados no respectivo cupão.

XI — Os cupões serão publicados com uma semana de antecedência aos jogos, a fim de que os leitores fora de Montijo possam concorrer.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 5

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Setúbal	Lusitano	Coruchense	Estoril
Barreirense	Oriental	Olivais	Portimonc.
Torreense	Atlético	Juventude	Portalegre
Académica	Belenenses	Almada	Olhanense
Benfica	Caldas	Farense	Montemor
Sporting	Cuf	Arroios	Montijo
Covilhã	Porto	Beja	«Os Leões»

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

«A Província» **Cupão N.º 5**

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 21

Do Minho ao Guadiana

Aldeia do Bispo

Penamacor

— Realizaram-se em 16 do mês passado nesta pitoresca aldeia, grandiosas festas populares que tiveram enorme concorrência de terras vizinhas, devido ao brilhantismo de que se revestem e à categoria evidenciada nos anos passados. As festas foram abrilhantadas por uma das melhores aparelhagens sonoras do centro do país e seleccionados acordeonistas.

Na tarde desportiva evidenciou-se a corrida dos mil e quinhentos metros.

O produto das festas, que excedeu todas as espectativas, reverteu a favor da iluminação eléctrica desejada por toda a população e que dentro em breve será realidade.

— Em gozo de férias encontram-se com as suas famílias os estudantes: — Fernando, Manuel, e Jorge Galvão Martins Leitão, respectivamente do 4.º ano da Faculdade de Direito, 7.º e 5.º do Liceu; Domingos e João A. Valente, do 7.º e 3.º do Liceu; Maria Guiomar P. Campos, do 5.º ano; Maria Zídia M. Raposo, do 7.º ano; Amândio M. Leitão, da Faculdade de Medicina; Maria Helena M. Raposo, do 2.º ano; Arlindo V. Capelo, Pupilo do Exército.

— Encontra-se de visita aos seus conterrâneos o distinto oficial do Estado Maior, Coronel Martins Leitão, acompanhado de sua esposa e filhos.

— O Rev. Pároco desta aldeia tem sido incansável em obter fundos para auxílio dos pobres, pelo que todos lhe tributam enorme gratidão. Nova remessa de géneros alimentícios, oferecida pelos nossos irmãos Católicos americanos, foi distribuida pelos mais necessitados. — (C.)

Cuba

Festas da Nossa Senhora da Conceição da Rocha

— Por motivos imprevistos ficou adiada para o dia 14 do mês de Outubro a procissão de Nossa Senhora da Conceição da Rocha e que era para se ter realizado no passado domingo, dia 23 de Setembro.

Abastecimento de águas:

— Após várias pesquisas infrutiferas, foi descoberto agora um veio de água potável e suficiente para abastecimento desta vila. Em virtude de o referido veio se encontrar perto da vila, no sítio denominado «Vale das Canas», cremos que em breve beneficiaremos de mais um melhoramento que de há muito se fazia sentir.

Sem Ofensa:

— Ao grupo coral de Cuba — «Ceifeiros de Cuba» — pelo sucesso obtido em Beja, no concurso de cantos, nas festas Sanjoaninas, pois que obteve o primeiro prémio, foi oferecido por um grugo de admiradores, um borrego para um jantar.

Sucede, porém, que por causa da doença da «lingua azul» o raferido borrego deu a alma ao Criador, e por via da maldita doença ficaram os «Ceifeiros de Cuba» sem o prometido jantar.

Protestam, portanto, por intermédio de «A Província» contra a malfadada doença e pedem providências a quem de direito... — (C.)

«Os Ladrões do Suinicultor»

Pelo Prof. Fred Hale — Texas A. E. M. College (U. S. A.)

(Continuação da página 5)

de expediente; mas detesta o suinicultor esperto, atencioso e amigo de aprender.

Além do que já se disse, o bom criador (pelo menos aqui no Texas) é aquele que desmama 8 leitões por porca, duas vezes no ano e as leva ao mercado aos seis meses de idade, e com pelo menos, 95 kg. de peso vivo. Também dispõe as coisas de forma que as suas porcas param no momento mais conveniente para mais tarde levar os filhos para venda no momento em que os preços são mais elevados.

Isto sucede em geral em Fevereiro e Março e em Agosto e Setembro. Julho é um bom mês para levar porcos gordos aos mercados. Agosto e Setembro é a melhor altura para vender as porcas velhas, retiradas da exploração.

Será ainda capaz de produzir 200 libras de carne com 730 libras de comida, incluindo se aqui a alimentação da porca criadeira durante a lactação.

Destas 830 libras necessárias para produzir um porco com 200 libras em 180 dias, a contar da nascença, cerca de 150 são comidas pela mãe. Assim o porco levado para venda come apenas as restantes 680 libras.

Por aqui se vê que cerca de 80% do custo total são dispendidos com a alimentação.

Estes números podem servir de base para se determinar se sim ou não uma exploração está produzindo rendimento, desde a nascença até à venda.

Se o custo da alimentação se afastar muito dos números acima apontadas, isto é, se a comida estiver cara, é necessário verificar se estará levando a efeito uma criação conveniente ou se em vista disso não haverá que mudar de ração. Talvez o programa de higiene e sanidade esteja mal concebido e realizado.

Quando todas estas fases da exploração são bem executadas, a criação de porcos é proveitosa e compensa o capital aplicado.

SANFER, L.DA

SEDE — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

RODOLFO VALENTINO

(Continuação da última pág.)

seus manipansos feiticeiros, os homens, detestaram-no sinceramente, assim como sempre detestam os seus confrades, quando os vêem guindados aos píncaros do prestígio e da glória.

Portugal admirou Valentino através das suas magistrais interpretações, tais como: «Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse», «O Sheik», «Sangue e Arena»,» «A Aguia Negra», etc. O perfil do «Sheik» recortara-se assim inúmeras vezes sobre os nossos *ecrans*, para neles fincarem o seu extraordinário talento, através das suas várias interpretações.

No dia 24 de Agosto de 1926, após uma intervenção cirúrgica, morria num dos hospitais de Nova-Iorque aquele que fora o ídolo de milhões de mulheres. Uma desvairada multidão feminina desfilou perante o seu corpo, no derradeiro adeus, como último tributo pago àquele que fora a causa das suas paixões.

As gerações actuais não se recordam deste ídolo, que fora a glória da infância cinematográfica, a veneração por Valentino já não pertence aos nossos dias, hoje só as amorosas americanas de então, (agora mães ou avós) no canto do seu lar, se podem recordar, não sem amarga saudade, do tempo em que, quando meninas e moças, fizeram desaparecer o túmulo de Valentino, sobre montões de flores em derradeira homenagem ao que fora a causa do seu exessivo «Valentinismo».

Outros herdaram alguns resíduos do seu talento, e desde então, o nome de Rodolfo Valentino jamais voltou a ser pronunciado como há 25 anos atrás. Hoje o astro por excelência, o astro que enlouqueceu de entusiasmo e inflamou, de polo a polo, milhões de corações femininos, não passa de um nome que só raramente se pronuncia. Com ele desapareceu tudo que o possa recordar, e o seu nome já não percorre, como outrora acontecia, os cinco continentes do mundo.

Foi este homem ruidoso, cujo nome enchia os fonógrafos da fama, que há trinta anos deixou de existir entre sombrios murmúrios de lamentos das massas femininas, que por ele atingiam as fronteiras do histerismo!

N.º 26 — Folhetim de «A Província» — 11-10-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

Só ela, a Ermelinda, ficara mais desconfiada ainda.

— Tanta «largueza» naquele homem que tinha tão má fama entre os operários... Ná! Ali havia manobra grossa, com certeza.

Mas, para que não estranhassem, mostrou-se também satisfeita.

O certo era, porém, que o Joanico continuava de gorra e chupeta com a Rosária e não lhe «ligava nenhuma». E ela, mais desesperada e invejosa, já se punha a pensar no outro e a fazer comparações, assoprada pelo despeito:

— O sr. Morais, afinal, era bem simpático e gozava duma importância que metia respeito! Quem sabia lá se ela ainda viria a ser sua mulher, de vestidos brilhantes e jóias que cegavam... Não seria a primeira vez que tal se via... E já fantasiava a vida futura, de braço dado com ele, a saracotear-se muito senhora do seu nariz, enquanto as da sua geração se torciam pelos cantos.

— E se ele vinha para «fazer pouco» dela? Ná! Todo o cuidado «por causa dos quismes»... Então é que a Rosária lhe faria surras e atirava foguetes!

Fizera-se desentendida, alheia ao que se passava com o irmão.

— Era a coisa mais natural desta vida. Arranjara um emprego... pronto, ainda bem.

Todavia, pensava agora muitas vezes nele e no acaso da sua presença, naquele dia à do João Carapinteiro. Era superior às suas forças. De manhã, com a almoçadeira cheia de café e sopas, aos golos e aos engulhos, e a *mimoira* às voltas, parada a olhar o vago; nos trabalhos, nas «cavadas», nas mondas, nas «regadas», andava-lhe a cabeça por outros lados; mas o pior ainda eram as noites, de rebolão na cama, sonhos e sonhos, até que se levantava com cedinho... mal o buraco dava claridade.

— O homem dera-lhe «coça no miolo», má raios!

A carne e a mocidade cumpriam seu dever; e surpreendia-se em arrelias por tudo e por nada, a não querer pensar no caso e o caso a vir-lhe à mente a toda a hora! E a-propósito de baldas e ninharias, abria conversas acerca das obras, esmiuçava pormenores e tirava informações, muitas informações, com o sentido posto no encarregado e nos seus actos.

O sr. Morais começara a interessar-se pela vida caseira do protegido. Apanhava-o de passagem, quando ia com seu coxo para os trolhas; e, como se falasse no serviço, interrogava em disfarces:

— Então, rapaz: Vais satisfeito? Correm-te melhor os negócios, an? E lá por casa? Estão também contentes? Tua mãe e tua irmã que dizem?

O moço respondia, atabalhoado. Envergonhava-se de que os outros o vissem de conversa com o superior.

Duas semanas depois, aumentou-lhe o salário.

Houve novas alegrias na «cabana».

A Ermelinda sentia ganas de gritar: — É por minha causa! É por minha causa! Pois não percebem?

Mas lembrava-se das misérias passadas, via a mãe muito bem disposta, e calava-se.

Tempos depois o sr. Morais, aproveitando outra «aberta», atacou:

— Olha, Joaquim. Ouvi dizer que vivem mal em tua casa, que passam necessidades... Qualquer dia vou até lá para ver como isso é...

O rapaz deu em casa a novidade e foi um alvoroço!

— Como havia de ser aquilo? Estava tudo numa tal miséria... Que vergonha! Que tristeza!

A Ermelinda observara do lado:

— Ora... Melhor seria que cá não viesse. Enxovalhar os *proves*...

— Não, que ele! És tola! A quem devemos o melhorio da nossa vida? Não foi ele que nos *trouxe* mais mantença e mais arranjos? Não há mais que se não...

(CONTINUA)

Martha Graham

Símbolo do bailado moderno *americano*

por **Norman Smith**

NOVA IORQUE — No mundo subtil dos «arabescos» e dos «pas-de-deux», o nome de Martha Graham é sinónimo da arte do bailado moderno. E muito para além das fronteiras dos meios profissionais da dança, o nome, a figura e o talento de Miss Graham tornaram-se conhecidos como um símbolo de graça e poder criador nesta arte, novíssima entre todas as outras.

A «atitude» de Graham para com a dança é verdadeiramente moderna, e pode ser comparada à pintura e escultura mais contemporâneas. Como tal, é estranha e muitas vezes bizarra; isto, não só no que respeita os próprios movimentos coreográficos e da dansa em si, como também no emprego do argumento e da música, os dois outros necessários componentes do *ballet* teatral.

O conceito de Graham é primitivo na medida em que é largamente baseado no movimento e na atitude. E', porém, intelectualizado num certo grau, uma vez que os seus temas giram principalmente à volta de simbolismos e evocações, mais do que de factos reais. Daí talvez o interesse especial que suscitou nas audiências orientais, em certa medida maior do que a atracção exercida nos povos europeus, de raízes mais tradicionais em relação ao *ballet*.

Em 1954, por exemplo, a companhia Graham fez uma *tournée* pela Europa, provocando grande controvérsia entre os admiradores do bailado. Em Londres, alguns dos críticos foram bastante azedos no seu ataque ao estilo Graham. Outros colocaram-se no extremo oposto, elogiando-o e exaltando-o, reacção esta que encontrou eco pràticamente em quase todas as cidades europeias onde o grupo representou.

Conta-se que um admirador de Graham viajou 800 milhas numa bicicleta a motor, desde o Circuito Artico até Estocolmo, para vê-la dansar, e em Haia a própria Rainha Juliana da Holanda se ergueu e foi a primeira a aplaudir entusiàsticamente os bailarinos americanos. Apoteoses semelhantes lhes foram tributadas nas representações em Viena.

Apesar da diversidade de críticas com que foi recebido o grupo, pràticamente todos concordam que o estilo Graham de dansar é um processo estimulante e altamente pessoal de expressão artística. E' opinião geral que ela criou «uma nova linguagem da dansa» que constitui uma inovação que certamente perdurará.

Uma importante diferença entre estes bailados e o tratamento clássico do *ballet* é o facto de Graham desprezar o estilo «espectacular». Ela prefere a maneira sintética, o retrato íntimo, ao contar uma história, normalmente sublinhando de maneira vincada os aspectos psicológicos, representados com panos de fundos simbólicos quase nus.

Isamu Noguchi, o artista nipo-americano que conquistou renome internacional pela sua nova maneira de tratar a escultura e o desenho, colaborou intimamente com Miss Graham na preparação dos «décors» para as sua produções.

No que diz respeito à música, Miss Graham tem feito tanto no sentido de encorajar e estimular os compositores americanos que recentemente recebeu da Sociedade Nacional de Compositores e Maestros um prémio pelas suas «extraordinárias contribuições no campo da música americana», tributo invulgar para uma pessoa que pertence aos meios musicais.

Profundamente americana na sua atitude, Miss Graham insistiu sempre desde o início em que fossem exclusivamente americanos (incluindo latino-americanos) os compositores escolhidos para musicar os seus trabalhos, porque, diz ela, apenas eles podem apreciar verdadeiramente e compreender o fluxo histórico e emotivo que atravessa e domina as suas concepções coreográficas. Porque, de facto, o seu sentido de «dança dramática», quer diga respeito a Edipo, Joana d'Arc, ou o próprio Sol, é essencialmente o do «Novo Mundo».

Para alguns, isto pode parecer demasiadamente patriótico, mas Miss Graham acredita que a sua missão é não só expor o seu ponto de vista pessoal, quanto ao bailado, como também mostrar o alto nível cultural americano, especialmente nos domínios da dansa.

«SIR BLACK»

Que pela primeira vez foi entrevistado para este jornal, actuou há dias — com pleno êxito — para *Ràdiotelevisão Portuguesa*

Em 15 de Dezembro do ano passado o nosso jornal publicou uma entrevista com o «mais novo manipulador da Europa» — como o afirmou há dias, pela Televisão, o conhecido locutor Jorge Alves.

Pois «Sir Black» apresentou-se admiràvelmente, podendo-se afirmar desde já que virá a ser um magnifíco colaborador R. T. P., num próximo futuro.

Avisados da sua estreia, fomos de abalada até aos Estúdios da R. T. P., instalados na Feira Popular de Lisboa.

À entrada para os camarins, encontrámos «Sir Black».

Faltavam 5 minutos para ir actuar.

— Diga-nos, «Sir Black» como vai encarar o momento de ser televisionado?

— Como normalmente pode imaginar, estou um pouco nervoso visto ser a primeira vez a actuar em frente de câmaras da Televisão.

— Quantos números vai apresentar?

— Três números, visto serem suficientes para preencher os 8 minutos que me deram.

— Como ingressou na Televisão?

— Devo a minha estreia ao Chefe dos Serviços de Produção da Radiotelevisão Portuguesa, sr. dr. Domingos Mascarenhas, que viu as minhas provas, dias antes, tendo sido imediatamente convidado.

Os escassos 5 minutos terminaram. O caracterizador sr. Madureira — um dos melhores caracterizadores portugueses — reclamou-o ao camarim.

Saímos e fomos até um dos *stands* da R. C. A. — a empresa que forneceu toda a aparelhagem à R. T. P. — para o ver num dos receptores, de grandes dimensões.

Às 23 e 3 minutos a locutora sr.ª D. Maria Armanda Falcão transmitiu ao público: «Seguidamente vai actuar «Sir Black».

Abre o programa Jorge Alves que apresentou o jovem artista: «Vamos ter o prazer de ver «Sir Black» – o mais jovem manipulador da Europa. Como primeiro número vamos ver com que «limpeza» ele, de uma folha de papel, faz surgir um ovo!»

Ei-lo!

Aparece, no «écran» vítreo, o artista, com uma folha de papel na mão da qual fez uma pequena bola. Em seguida começou a fazê-la saltitar sobre um leque. Tanto saltitou o papel que este principiou a tomar forma, lentamente, de um ovo. «Sir» agarrou nele e partiu-o para dentro de um copo, deixando-o cair bem de alto para que todos víssemos a clara e a gema tombarem dentro do recipiente.

Estupendo!

O segundo número foi constituido por manipulações de cartas, com luvas calçadas, com as quais «Black» fez «coisas» impossíveis de descrever. Fez aparecer, do ar, diversos baralhos de cartas, sem se notar o mínimo truque, dando a ilusão de nascerem das mãos, apesar de mostrá-las sem nada, de um lado e outro. Para finalizar este segundo número, o artista atirou um baralho de cartas ao «éter» transformando-o num ramo de flores.

O último número: manipulação com bolas de bilhar — foi sem dúvida o melhor. Se de facto existem coisas fantásticas, este foi o que mais interessou o público — os milhares de pessoas que se encontravam no recinto da Feira Popular. Para que os nossos leitores possam avaliar a dificuldade deste número, aconselhamos a ver «A Província» que acima referimos. De uma bola conseguiu produzir 4 (!) entre os dedos da mão direita, para no fim, uma a uma, irem desaparecendo, sem se ver como, nem para onde elas foram. E pronto! Jorge Alves fechou o programa com um número muito original de ilusionismo, inventado no momento.

Apenas dizendo «hop!» aparece no «écran» de cabeça para baixo. Informa o público com o seu costumado à vontade: «Agora «Sir Black» veja se consegue fazer isto e desapareça porque eu já não tolero esta posição por mais tempo, visto o sangue estar a subir à cabeça».

Depois de Televisionado

«Sir Black» volta ao camarim e nós atrás dele.

— Então, como se sentiu?

— Primeiramente nervoso, depois absolutamente normal; embora a T. V. seja um pouco diferente de actuar directamente para o público, senti-me como no palco. Tenho a agradecer todas as gentilezas do pessoal da T. V. que, com a sua simpatia, contribuiu para o meu êxito!

— E... se falhasse um número?

— Como foi precalço que nunca me aconteceu, não posso imaginar qual seria a reacção.

— Gostaria de voltar à T. V.?

— Gostaria. Tudo depende dos directores da programação.

— Despedimo-nos de «Sir Black» com a convicção de que ele é um dos artistas que mais possibilidades têm para actuar na T. V., visto os seus números serem todos à base de digitalidade, aliando à beleza do seu trabalho a sua distinção e personalidade.

Quando iamos enviar esta entrevista para a Redacção soubemos que «Sir Black» actuaria muito em breve na Ràdiotelevisão Portuguesa.

Representações teatrais nos jardins de Palais Royal

A companhia de Lionel Baylac apresentou uma série de representações teatrais ao ar livre no peristilo da Galérie d' Orléans dos jardins do Palais Royal. No programa, figuravam dois espectáculos que eram apresentados alternadamente: «Timocrate», tragédia romanesca em 5 actos, em verso de Thomas Corneille (obra que não voltou a ser representada desde a sua estreia em 1656), e «Les Ménechmes ou les jumeaux», comédia em cinco actos, em verso, precedida de um prólogo em verso livre, de J. F. Regnard. Encenação de Lionel Baylac. Guarda-roupa de Catherine Dutrillo e Geneviève Sevin.

NOTICIAS DE CINEMA

■ *Foi apresentado em Nice o «canhão de luz», constituido por uma grande lanterna de projecção que tem por «écran» o céu. O aparelho pode ser transportado num camião e projecta a imagem numa nuvem ou num «écran» de fumo com 800 metros de lado, a uma altura de cinco quilómetros. A imagem projectada, de grande perfeição, pode ver-se numa zona circular com dez quilómetros de raio, graças a uma lâmpada de arco com 4.600 lumens e às caracteristicas especiais das lentes aplicadas na lanterna de projecção. O inventor, o suiço Andreoli, espera poder aplicar o seu aparelho à projecção de filmes.*

■ *QUARTO CONCURSO DO FILME DE AMADORES, COLORIDO, 16 m/m. — A Direcção Geral de Turismo Organiza o IV Concurso do filme colorido, 16 m/m., aberto a todos os amadores franceses.*

O tema do concurso é «Férias em França». Podem concorrer todos os filmes que realcem as atracções turisticas, quer de uma estância de turismo com os seus arredores, quer de uma região, quer ainda de um itinerário da França metropolitana e dos departamentos do Ultramar. O concurso é dotado de três prémios: de 150.000, 100.000 e 50.000 francos.

RODOLFO VALENTINO

Fez há pouco trinta anos, sobre a morte daquele que fora em vida o homem «fatal» do cinema americano, Rodolfo Valentino.

Qual é a rapariga de há trinta anos se não lembre deste jovem actor italiano, que foi um dos maiores intérpretes da época laureada do cinema silencioso?

O seu extraordinário talento de composição, (até hoje ninguém o conseguiu superar, nem tão pouco se lhe aproximou no capítulo da maquilhagem) a sua coreografia pessoal e a sua extraordinária per-

sonalidade, guindou-o ao pedestral invejável da fama, tornando-o o homem do idealismo feminino.

Todos os seus *filmes* eram revistos por multidões femininas, em êxtase, famintas por verem o seu «querido Rodolfo».

As mulheres amaram-no loucamente, como os pretos amam os

(*Continua na página 7*)